

A viagem misteriosa

Os seqüestrados de Porto Alegre apareceram em Montevideú. Voltaram ou foram levados?

Os homens nos prenderam na saída do apartamento. Em seguida, levaram a mim e a Francesca a um quartel onde ninguém usava uniforme nem gravata. Era um prédio grande, na cidade, em frente a um arroio com duas ruas, uma de cada lado. Ficamos lá até as 9 horas da noite. Não vi mais minha mãe. Entramos num carro brasileiro, e viajamos a noite toda. Na fronteira, trocamos de carro, passamos para um carro uruguaio e dali fomos para uma casa em Punta del Este, como eles me disseram. O que eu sei é que já tínhamos passado a fronteira. Os que nos prenderam eram brasileiros, mas havia junto dois uruguaios, dois homens que falavam castelhano.

(Camilo Casariego, de 8 anos, filho de Lilian Celiberti Rosas de Casariego, irmão de Francesca, de 3 anos, e amigo de Universindo Rodriguez Díaz, todos exilados uruguaios e seqüestrados por desconhecidos na tarde de domingo, dia 12 passado, em Porto Alegre)

A Secretaria de Segurança Pública do Rio Grande do Sul funciona em um prédio grande, na esquina das avenidas Ipiranga e João Pessoa, em Porto Alegre. A avenida Ipiranga tem duas pistas, uma de cada lado do arroio Dilúvio. A maioria dos policiais que lá trabalham é civil e raramente usa gravata — a não ser os funcionários de gabinete. A semelhança é pura coincidência ou a polícia brasileira está envolvida no intercâmbio de exilados políticos praticado entre os países do cone sul? Os seqüestrados estiveram na sede da Se-

cretaria de Segurança, levados por policiais brasileiros?

O relato do garoto Camilo, feito já em liberdade na casa de seus avós, em Montevideú, na quarta-feira da semana passada, é de uma precisão constrangedora para os brasileiros que trabalham no prédio grande da avenida Ipiranga



CONTRADIÇÕES — Cunha e o fotógrafo João Batista Scalco surpreenderam os seqüestradores em plena ação — e ficaram 20 minutos sob a mira de seus revólveres, até serem dispensados. A partir de então era praticamente impossível desaparecer com os quatro prisioneiros — algo parecido com o que tem ocorrido com bastante frequência nestes últimos meses com exilados de várias nacionalidades, em diversas capitais latino-americanas. Houve, desde logo, a reprodução da denúncia de Cunha na imprensa brasileira. No primeiro momento levantou-se a suspeita de que um coman-



Camilo e Francesca livres na casa dos avós (foto maior); Mirta (acima), irmã de Lilian (ao alto), não creê na versão do governo uruguaio

— e que negam categoricamente qualquer participação no seqüestro dos quatro exilados (VEJA n.º 534), que até o dia 12 moravam num apartamento na rua Botafogo, em Porto Alegre, e “apareceram” dias depois em uma das prisões da capital uruguaia. “Não podemos esquecer que é o depoimento de um menino de 8 anos”, argumenta o secretário da Segurança gaúcho, coronel Rubem Moura Jardim. A reserva é procedente, mas Camilo parece ser um menino observador. Sua descrição do seqüestro e das pessoas que dele participaram coincide com o que pôde ver naquela tarde de domingo o chefe da sucursal de VEJA em Porto Alegre, Luiz Claudio Cunha, que fora ao apartamento alertado por uma denúncia telefônica de que seus moradores eram mantidos presos há vários dias.

do de policiais uruguais poderia ter invadido o Brasil para seqüestrar inimigos políticos do regime. A hipótese não chegou a ser confirmada nem desmentida pela polícia brasileira. Mas as notícias de duas semanas atrás mencionavam explicitamente temores pela vida dos quatro uruguaios.

No dia 24, uma sexta-feira, *El Diáριο*, de Montevideú, quebrou a cortina de silêncio local e informou: “Matrimonio uruguayo y sus dos hijos secuestrados en el Brasil”, em “extranhas circunstancias”. Diante disso, os responsáveis pelo regime militar implantado

há cinco anos no Uruguai resolveram agir de forma direta. No dia seguinte, um sucinto comunicado de dezesseis linhas das "forças conjuntas" — como são chamadas as Forças Armadas — esclareceu que os quatro exilados estavam presos e haviam sido "detidos ao penetrar no território uruguaio, achando-se em seu poder material sedicioso, que ratifica as informações que se possuíam sobre suas atividades em vários países, integrando uma vasta organização internacional marxista". Por via das dúvidas, o comunicado esclarecia que as autoridades tinham decidido entregar, naquele dia 25, os meninos Camilo e Francesca à custódia de seus avós.

A versão oficial continha, no entanto, abundantes contradições. Por que, após um misterioso desaparecimento

Correio do Povo, de Porto Alegre, e *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro, foram apreendidas pelo governo logo após serem descarregadas dos ônibus em Montevideu, porque traziam novas informações sobre o seqüestro. A imprensa uruguaia, mantida sob rigoroso controle oficial e dominada por forte autocensura, não falou mais no assunto.

Até mesmo o governo uruguaio não mostrou interesse em sustentar sua versão do caso. Na quarta-feira, a tradicional "Cadena de las Fuerzas Conjuntas", programa oficial que vai ao ar semanalmente às 8 da noite em todas as emissoras de rádio e de televisão do país — apresentando um noticiário de 10 minutos sobre processos, denúncias e juízos envolvendo delitos políticos — não foi transmitida. Na semana ante-

rior, a "Cadena" anunciara para a próxima edição um noticiário ampliado das circunstâncias que determinaram a "prisão" dos exilados. Mas a promessa foi quebrada, sem qualquer explicação. "Ninguém sabe mais nada nem pode dar informações", disse a Luiz Claudio Cunha, em Montevideu, na semana passada, o comandante Juan Medina, um nervoso oficial da Dirección Nacional de Relaciones Publicas, do governo. E, em outra parte: "Por favor, procure o setor de relações públicas do governo; só eles têm condições de falar à imprensa", esquivou-se, mais tarde, o major Arnoletti, ajudante de ordens do comandante-em-chefe do Exército, general Gregório Alvarez.

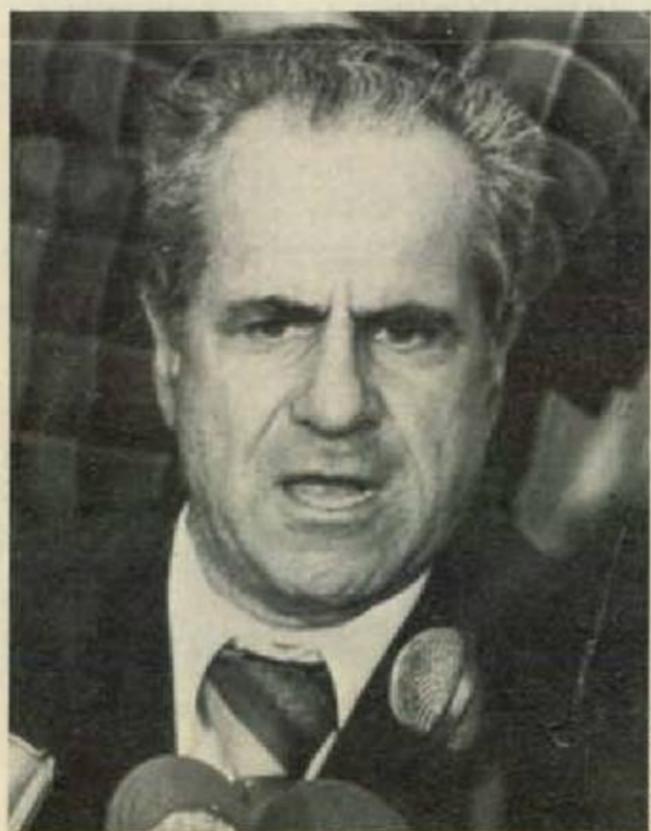
ANTECEDENTES — Na prática, diante do silêncio oficial, tornou-se difícil saber que objetivos guiaram as pessoas que cometeram o seqüestro de Porto Alegre. No entanto, pode-se dizer com segurança que o Servicio de Inteligencia de la Defensa — o SNI do Uruguai — relacionou um grupo de aproximadamente cinquenta pessoas, classificadas genericamente como "comunistóides" — e que foram presas entre agosto e setembro passados. Além disso, a ação da polícia uruguaia nos países vizinhos, especialmente a Argentina, já foi confirmada oficialmente pelo menos uma vez. Entre fevereiro e outubro de 1976, uns sessenta exilados políticos uruguaio foram seqüestrados em terri-



ASSIS HOFFMANN

em solo brasileiro pela ação de homens armados e desconhecidos, dois perseguidos políticos uruguaio voltariam clandestinamente a seu país acompanhados de duas crianças pequenas? "Lilian queria viver no Brasil até obter cidadania italiana", informou a VEJA sua irmã Mirta Celiberti, em Milão, onde também viveu Lilian antes de vir para o Brasil. "Não acredito que ela, se quisesse ir ao Uruguai, fosse levar os dois filhos. Seria muito perigoso."

"NINGUÉM SABE" — As autoridades uruguaio, de qualquer modo, não parecem dispostas a dar mais informações sobre o caso. E estão cuidando para que ninguém, no país, saiba mais alguma coisa a respeito. Assim, na quinta-feira da semana passada as edições dos jornais brasileiros *Folha da Tarde* e



ZERO HORA



RICARDO CHAVES

Na foto maior, a avenida, o riacho e o prédio descritos por Camilo; ao lado, o secretário Jardim; acima, o ex-senador Wilson Aldunate

tório argentino — e no mínimo 26 deles recambiados para Montevideu. Muitos desapareceram completamente, inclusive quatro crianças, uma delas com apenas 20 dias de idade. Os seqüestros puderam ser conhecidos porque o jornalista Enrique Rodríguez Larreta, um dos recambiados, foi libertado e conseguiu sair do país, denunciando a transferência secreta à Organização das Nações Unidas e a várias entidades internacionais de defesa dos direitos humanos.

Por isso, o caso de Lilian Casariêgo causou inquietação entre os quase 100 exilados uruguaios que esperam, no Rio de Janeiro, sob a proteção do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados Políticos, a tramitação de seus pedidos de asilo a alguns países da Europa. “Não saímos à rua em grupos grandes, para não chamar a atenção”, disse um deles a VEJA, na semana passada. “Evitamos sair à noite e nenhum de nós anda sozinho pela cidade.”

“BASES DE APOIO” — Na verdade, o governo uruguaio faz questão de se mostrar bem informado sobre as atividades dos exilados nas grandes cidades brasileiras. Um novo comunicado das “forças conjuntas”, de sexta-feira passada, afirmava que, justamente no Rio, em São Paulo e Porto Alegre existem elementos de apoio a grupos de ação do Partido de la Victoria del Pueblo (PVP) — clandestino — que promovem atividades subversivas em Montevideu, comandados por refugiados políticos residentes na Europa. A prisão dos quatro no mês passado teria ocorrido em consequência da descoberta de uma dessas bases de apoio em Porto Alegre.

Segundo o comunicado, “detectados por elementos da imprensa” — no caso, os repórteres de VEJA —, os exilados teriam desistido da manutenção daquela base mas não do contato com os membros do partido que ainda vivem no Uruguai. A solução, ainda conforme o comunicado, foi enviar os quatro clandestinamente de volta ao país, inclusive as duas crianças, que estariam atrapalhando as atividades políticas de Lilian.

Todavia, nem mesmo as ligações de Lilian e de Díaz com o PVP puderam ser confirmadas. Em Londres, onde reside, o ex-senador do Partido Nacional (Blanco), Wilson Ferreira Aldunate, chefe político conservador de grande presépio, que é considerado um dos organizadores do partido e tido como amigo dos seqüestrados, disse a VEJA que não conseguia se lembrar de Lilian — tivera notícias da história ocorrida

em Porto Alegre, mas não estava certo de conhecer alguma das vítimas.

NADA COM ISSO — As autoridades brasileiras, por seu turno, não possuem qualquer informação sobre as atividades políticas dos exilados. Mas não conseguiram escapar à tentação de construir teorias sobre o ocorrido. Garante, por exemplo, o coronel Luís Macksen de Castro Rodrigues, superintendente da Polícia Federal no Rio Grande do Sul, e encarregado do inquérito instaurado por ordem do Ministério da Justiça para apurar o seqüestro da rua Botafogo, a “subversão internacional” está agindo no Brasil. “Estamos pinçando aqui e ali para formar um quadro geral”, disse ele. “Vamos escl-

POLÍCIA

Erasmus na defensiva

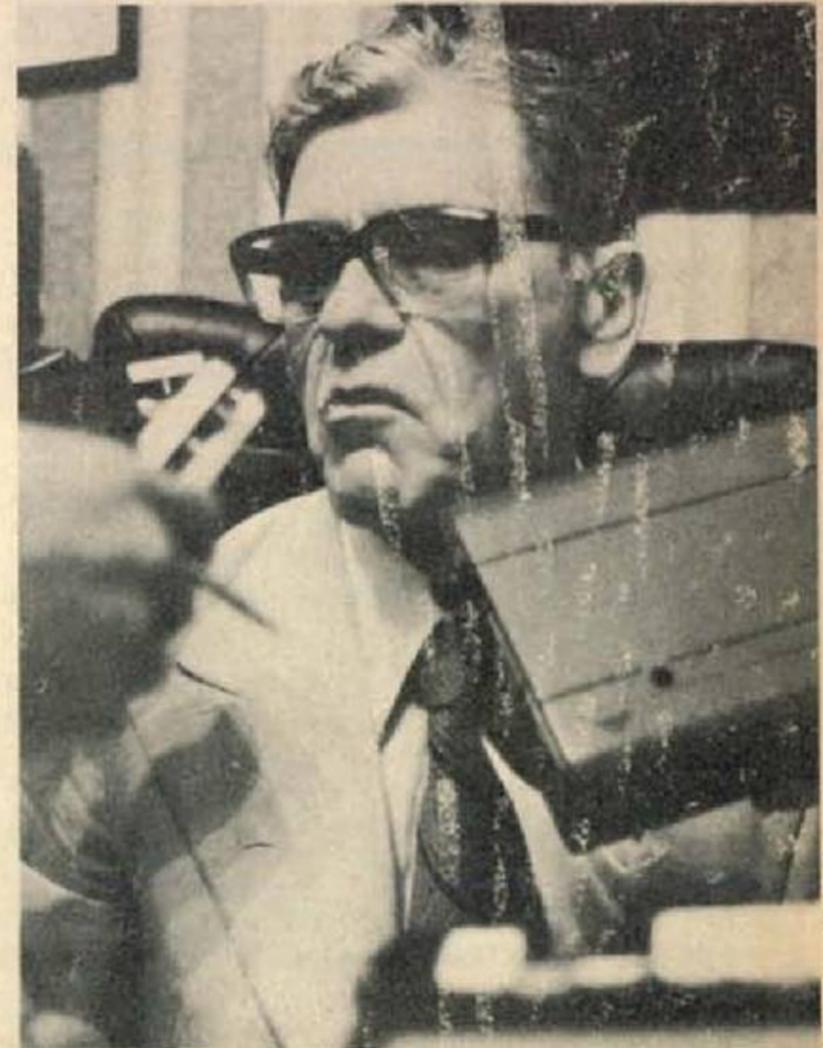
O secretário da Segurança paulista, de volta ao posto, é desafiado por subordinados

Desde que reassumiu o posto de secretário da Segurança Pública de São Paulo, três semanas atrás, as coisas parecem complicadas na vida do coronel Antônio Erasmo Dias. Ele se desincompatibilizara do cargo em maio passado, para disputar uma cadeira de deputado federal nas eleições do último dia 15. ganhando ou perdendo, segundo arranjo da época, o coronel voltaria a seu posto tão logo fossem conhecidos os resultados oficiais. De fato, honrado com expressivos 152 972 votos — foi a terceira votação entre os candidatos da Arena paulista —, ele só poderia esperar um reforço na legendária autoridade com que comanda a polícia estadual. Não é bem isso, contudo, o que tem ocorrido nesta sua rumorosa volta ao poder.

Ao contrário, quando retornou ao seu gabinete, instalado numa antiga mansão da conservadora avenida Higienópolis, o coronel Erasmo Dias, 54 anos, encontrou, em pleno desenvolvimento, um agitado plano reivindicatório dos delegados de polícia. Das gestões iniciais por melhores salários,

recer tudo. E isso que aconteceu não é nada comparado com o que está por vir.” Segundo Rodrigues e o próprio secretário de Segurança, esta “subversão internacional” seria a responsável pelo seqüestro.

Em Brasília, menos imaginativo mas pouco interessado em descobrir respostas, o Itamaraty diz que não tem nada com isso. “Pode até ser que os uruguaios resolveram voltar para seu país. Quem é que sabe?”, disse o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores, Luís Felipe Lampréia. Tão cedo, é certo, ninguém poderá saber. E o Itamaraty não pretende investigar, mesmo sabendo da possibilidade de que policiais uruguaios tenham invadido território brasileiro para caçar subversivos. ●



Erasmus: “a técnica é de comunista”